



Tenho dito escola do Sul porque, na realidade, nosso Norte é o Sul. Não deve haver Norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. Por isso agora colocamos o mapa ao contrário, e então já temos uma justa ideia de nossa posição.” Joaquín Torres García, 1941.

Joaquín Torres García, América Invertida, 1943

Toda a obra de Joaquín Torres García (1874-1949) é muito intensa, mas sua *América Invertida*, de 1943, está entre as mais poderosas de suas realizações. Tem se convertido em meme, e como tal, não requer explicação ou desenvolvimento. Ele é símbolo sintético de um conjunto de conceitos geopolíticos e estéticos.<sup>1</sup>

Ter Norte significa ter orientação, sentido, ou conhecer a direção em que se quer andar. Torres García convidava alunos e discípulos, em sua *Escuela del Sur*, a buscar uma estética não imitativa, mas essa busca devia ser feita com uma orientação invertida, não buscar um norte, mas um sul:

El problema del arte en América es un magno problema... digamos en general que puede plantearse así: una teoría que contemple, de un lado, algo general que pueda dar unidad a todo el arte del continente, y del otro, que recoja, en la proporción debida, todo aquello local que deba recogerse y permita lo primero.<sup>2</sup>

A metáfora geográfica, ou de referenciamento geográfico, nos lembra que todo conhecimento é situado.

Uma disciplina ministrada em um curso de História que começasse a discutir a questão da “colonialidade” sem adentrar em sua historicidade, faltaria com os princípios epistêmicos e metodológicos da área. Por esse motivo iniciaremos com a discussão dos conceitos, sempre atentos a que os conceitos são palavras em contexto. O giro

<sup>1</sup> Forma parte do logo do laboratório Escritos da História – Historiografias do Sul/UFF

<sup>2</sup> Apud MURLENDER, Laura. La escuela de Joaquín Torres-García y su tesis americanista: Buscar a América. *Diversidad*, dezembro, 2014 #9, AÑO 5.

decolonial corresponde a uma conjuntura bem específica. O termo pós-colonial aparece nas discussões sobre a decolonização da África e da Ásia depois da Segunda Guerra Mundial. A primeira língua em que surge a produção intelectual foi em inglês porque os primeiros escritores foram intelectuais “subalternos” adscritos a departamentos de estudos culturais e de antropologia de universidades inglesas e norte-americanas (BERNARDINO-COSTA & GROSFUGUEL, 2016).

Se bem na América Latina foi recém na virada do milênio em que apareceu uma rede de cientistas sociais, filósofos e linguistas a trabalhar sobre o binômio modernidade/colonialidade - definido assim por Escobar para se referir ao programa de pesquisa sobre modernidade, globalidade e diferença (2003) – não é possível excluir do olhar crítico sobre a colonização e a condição colonial a autores que os precederam como José Martí, W. E. B. Du Bois, Oliver Cox, Antenor Firmin, Frantz Fanon, Aimé Césaire, Eric Williams etc. E antes deles os jacobinos negros e jacobinos *criollos* como Toussaint L'Ouverture, Simón Bolívar, Manuel Castelli, Bernardo de Monteagudo etc.

*O Diálogo entre Atahualpa e Fernando VII nos campos Eliseus*, escrito por Monteagudo nos primeiros meses de 1809, dá início a um dos temas recorrentes nas guerras da independência hispano-americanas, o da utilização dos crimes da conquista e dominação espanhola como argumento principal da ilegitimidade do domínio. Atahualpa, último imperador Inca (1532), se encontra com Fernando VII e iniciam o diálogo imaginado por Monteagudo sobre a condição da “usurpação”. Fernando denuncia os crimes de Napoleão, enquanto Atahualpa os dos espanhóis:

Compare, pois, tua sorte com a minha; a conquista de tua península com a do Novo Mundo; e a conduta do francês na Espanha com a do espanhol na América. Consulta, digo-te, as histórias sobre as cenas que foram vistas no peruano e no mexicano solos, e verás manifestamente que dizem que quando deu Colombo notícia do descobrimento da fertilidade da nova terra e de suas riquezas, começou a ferver a cobiça no coração avaro dos estúpidos espanhóis. (MONTEAGUDO, 1809)

Antes de que o mundo hispano arrazoara uma resposta - conjugando formulações que vinham sendo elaboradas desde a revolta de Tupac Amaru com argumentos da escola política espanhola, como o de retroversão da soberania -, na parte ocidental de uma das ilhas das Caraíbas, Saint Domingue, tinha-se travado um dos enfrentamentos mais significativos da história das Américas: a guerra antiescravista e independentista liderada, em seu primeiro trajeto, por Toussaint de L'Ouverture (TROUILLOT, 2016). O iluminismo filosófico explora a metáfora da escravidão até a saturação, sem que seja marcada a contradição entre a exaltação à liberdade política e filosófica e a aceleração do tráfico de escravos, a não ser nos fatos, na revolução em curso no Haiti. (BUCK-MORSS, 2011).

As ilhas caribenhas terão um protagonismo ímpar no surgimento do pensamento anticolonialista e antirracista, tanto no século XIX quanto no século XX. Em 1884, o haitiano Antenor Firmin foi convidado a ser membro da Sociedade Antropológica de Paris. Como ser membro de uma sociedade cujos integrantes afirmavam que os homens não eram iguais, que as raças os diferenciavam e que umas raças eram mais aptas que outras? Demonstrando que estavam errados, não em termos “valorativos”, mas em

termos científico. “A doutrina anti-filosófica e pseudocientífica de desigualdade das raças se baseia na ideia de exploração do homem pelo homem” (FIRMIN, 1895) dirá e demonstrará em um copioso ensaio. Insiste na relação escravidão/desigualdade e liberdade/igualdade para apresentar uma das dimensões do colonialismo. É o primeiro a formular claramente a relação entre escravidão, racismo, colonialismo. Era testemunha da expansão colonial de final do século XIX - aquela que “partilhou” a África entre as potências europeias - e da crescente influência estado-unidense.

A guerra de independência de Cuba e a guerra hispano-americana (1898) deslança uma campanha anticolonialista tendo como alvos Espanha e Estados Unidos. Nesse contexto Martí escreve *Nossa América* (MARTÍ, 1891) e se desata um movimento na América Latina contra a ingerência dos Estados Unidos nos processos políticos latino-americanos. Esse é um momento muito cristalino nas relações interamericanas com desdobramentos na literatura do continente. Pertence a este momento a reinterpretação da obra de Shakespeare, *A tempestade*. Em 1900 José Enrique Rodó trocou os signos das *Tempestade* em seu *Ariel*. Programa de cultural contra o utilitarismo e imperialismo norte-americano. Entre a primeira leitura d’ *A tempestade* (Uruguai 1900) e a de Retamar (Cuba 1971) passaram as vanguardas. *A Tempestade* também foi vista com a lente pós-colonial por Aimé Césaire (1968) com sua adaptação d’ *A Tempestade* para o teatro negro.<sup>3</sup> Césaire denunciara o colonialismo buscando o “mal-estar no ocidente”. Se propõe revelar ao burguês muito humanista, muito cristão que o que não perdoa em Hitler não é o crime em si, não é a humilhação do homem em si, “é o crime contra o homem branco, a humilhação do homem branco e o ter aplicado à Europa processos colonialistas a que até aqui só árabes da Argélia, os *coolies* da Índia e os negros de África estavam subordinados” (Césaire, 1978).

Nas últimas décadas as análises recaíram sobre as relações homens/natureza. A colonialidade da natureza foi abordada como realidade biofísica e como configuração territorial. A “natureza” “aparece ante o pensamento hegemônico global e ante as elites dominantes da região como um espaço subalterno que pode ser explorado, arrasado, reconfigurado, segundo os regimes de acumulação vigentes.” (ALIMONDA, 2011). Essa foi uma perspectiva que alargou enormemente o campo dos estudos da Ecologia Política, e da história ambiental.

Podemos fechar esta ementa com a primeira indagação do livro de Santos e Meneses. Nos últimos duzentos anos esteve ausente o contexto cultural e político da produção do conhecimento. Serão possíveis outras epistemologias? (SANTOS e MENESES, 2009)

## **Aulas**

### **1. Apresentação**

ALIMONDA, Hector. A invenção da América Latina e outras obsessões. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 2, junho 1994, p. 23-40.

### **2. Os conceitos básicos da disciplina: colonial, decolonial e pós-colonial.**

---

<sup>3</sup> Une Tempête- D’après “La Tempête” de Shakespeare - adaptation pour un Théâtre Nègre.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n.11, 2013, 89-117.

LANDER, Edgardo “Ciências Sociais: saberes coloniais e eurocêntricos”. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. P. 21-53.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de outro modo: el programa de investigación de modernidad/colonialidade latinoamericano. *Tabula Rasa*, n. 1, p. 51-86, 2003.

### **3. Saberes coloniais e epistemologias decoloniais.**

BERNARDINO-COSTA Joaze & GROSGOUEL, Ramón. Decolonial e Perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1*, janeiro/abril 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza e Meneses, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. (Introdução p. 9-20)

### **4. Tinham os contemporâneos das guerras da independência uma leitura “decolonial” de seu presente? A história através de documentos.**

MONTEAGUDO, Bernardo de. Diálogo entre Atahualpa e Fernando VII nos campos Eliseus, Cochabamba, 1809. Tradução Mariana Barbieri, *Monitoria da América 2*.

VISCARDO, Juan Pablo. Carta aos espanhóis americanos Juan Pablo Viscardo y Guzmán (1792), tradução Janille Campos. *Monitoria América 2*.

### **5. Relações entre escravidão e colonialidade.**

BUCK-MORSS, Susan. “Hegel e Haiti”. *Novos Estudos*, 90, 2011.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*; tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016. 263p.

### **6. O pensamento decolonial e a crítica ao racismo: Firmin.**

FIRMIN, Anténor. *De l'égalité des races humaines. Anthropologie positive*. Paris: Librairie Cotillon, 1885.

FLUEHR LOBBAN, Carolyn. *Un acercamiento a la igualdad de las razas humanas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2011.

SECRETO, María Verónica. Da igualdade política à desigualdade racial: Arthur de Gobineau e Antenor Firmin entre desigualdade e diferença. In: Ferreras, Norberto. *Desigualdades globais e sociais em perspectiva temporal e espacial*, São Paulo: Hucitec, 2020.

### **7. Estados Unidos e a segunda onda decolonial nas Américas. José Martí e sua geração.**

FERNANDEZ RETAMAR, Roberto. *Todo Caliban*, Buenos Aires: Clacso, 2005.

MARTÍ, José. Nuestra América (Publicado en La Revista Ilustrada de Nueva York, Estados Unidos, el 10 de enero de 1891, y en El Partido Liberal, México, el 30 de enero de 1891).

## **8. Ainda na francofonia: O pensamento decolonial e antirracismo em Césaire.**

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Prefácio Mario de Andrade. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

CÉSAIRE, Aimé. Adaptación de La tempestad de Shakespeare para un teatro negro, Buenos Aires, El 8vo loco, 2011.

TOLEDO, Magdalena Sophia Ribeiro de. Marronismos, bricolagens e canibalismos: percursos de artistas e apropriações de Aimé Césaire na Martinica contemporânea. Tese, doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2014.

TOMICH, Dale. "The Dialectic of Colonialism and Culture: The Origins of the Negritude of Aimé Césaire". Review (Fernand Braudel Center), vol. 2, n. 3 (Winter, 1979): 351-385.

## **9. Vanguardas literárias: Mariátegui e a questão indígena.**

MARIATEGUI, Juan Carlos. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. Contexto: 2000.

BOSI, Alfredo. A vanguarda enraizada O marxismo vivo de Mariátegui. Estudos Avançados, vol. 4, N.8, 1990, p. 50-61.

## **10. Há história colonial brasileira?**

FRAGOSO, João. Modelos explicativos da chamada economia colonial e a ideia de Monarquia Pluricontinental: notas de um ensaio. História (São Paulo) v.31, n.2, p. 106-145, jul/dez 2012.

## **11. A colonização da natureza e o ambientalismo descolonizador.**

ALIMONDA, Hector. La colonialidad de la naturaleza. Una aproximación a la Ecología Política latinoamericana. In: La naturaleza colonizada. Ecología Política y minería en América Latina. Buenos Aires: Ciccus, Clacso, 2011 (p. 21-60)

ESCOBAR, Arturo. Lecturas de Ecología Política Ecología Política de la globalidad y la diferencia. In: La naturaleza colonizada. Ecología Política y minería en América Latina. Buenos Aires: Ciccus, Clacso, 2011, (61-92)

## **12. Covid e novas geopolíticas**

HAESBAERT, Rogério. A exacerbação das desigualdades socioespaciais e a contenção territorial em tempos de pandemia. In: Ferreras, Norberto. *Desigualdades globais e sociais em perspectiva temporal e espacial*, São Paulo: Hucitec, 2020.